

CLÁSSICOS INFANTO-JUVENIS

Pérolas e Diamantes

Contos Infantis
ilustrados



Jacob Grimm

Wilhelm Grimm

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE RIO DE MOURO

Título: Pérolas e Diamantes - Contos Infantis

Autor: Jacob Grimm e Wilhelm Grimm

Tradução: Henrique Marques Junior

Adaptação: Carlos Pinheiro

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Coleção: Clássicos infanto-juvenis

Paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

Origem do texto: Projeto Gutenberg

1.ª edição: abril de 2013

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

ÍNDICE

O violino maravilhoso.....	4
João no auge da alegria	12
Pele d'urso	20
Aventuras de João-Pequenino.....	28
Os três cabelos de ouro do Diabo.....	38
O sapateiro e os gnomos.....	49
As três penas	52
O violinista.....	57

O VIOLINO MARAVILHOSO



Era uma vez um homem muito rico, mas muito avarento, que tinha como criado um rapaz honesto e ativo, como não haverá muitos; todas as manhãs o moço levantava-se ao romper da alva e só se deitava ao último cantar do galo.

Quando havia algum trabalho mais penoso, ante o qual todos recuavam, o rapaz fazia-o, contente, satisfeito e sem sombra de azedume.

Ao fim primeiro ano de trabalho, o avarento, que não estipulara salário ao rapaz, nada lhe tinha pago, pensando de si para si que o moço, não tendo dinheiro, não se tentaria com outra colocação. O rapaz calou-se e continuou a trabalhar como dantes; ao cabo de dois anos, o avarento nada pagara, e o rapaz permaneceu no seu mutismo.

Ao fim do terceiro ano, o rico, espicaçado pela consciência, meteu a mão ao bolso para remunerar o fiel criado, mas, raciocinando, arrependeu-se e tirou a mão vazia. O rapaz exclamou então:

— Patrão servi-o três anos o melhor que me foi possível; agora quero ver mundo e por isso peço que me pague os salários que me deve.

— Tens razão — respondeu o rico avarento —, fiquei sempre muito satisfeito com o teu trabalho e a tua boa-

vontade, e por isso vou remunerar-te como mereces. Aqui tens três escudos novos; é um por cada ano que me serviste.

O rapaz, que andava sempre alegre e que era duma grande simplicidade no que respeitava a dinheiro, julgou ter recebido uma fortuna que lhe permitiria viver vida folgada por largos anos.

Disse adeus ao antigo patrão e foi-se embora, atravessando montes e vales, cantando, saltando e alegre que nem um passarinho.

Ao aproximar-se dum monte, viu sair um velhinho muito corcovado que lhe gritou:

— Olá, companheiro, pareces contente com a vida?!

— Que ganho eu em me apoquentar? — retorquiu o moço — Tenho na algibeira a soldada de três anos de trabalho.

— E a quanto monta essa fortuna?

— A três escudos novinhos, muito luzidios. Olha, sente-os trincolear, quando lhes toco com as mãos?

— Ora ouve cá — tornou o gnomo, de bom coração como se vai ver. — Eu estou muito velhinho, e forças para trabalhar já não tenho; tu, que és novo e forte, estás ainda em bom tempo de ganhares a vida.

O rapaz, que era de boa índole, apiedou-se do velho gnomo e fez-lhe presente dos três preciosos escudos que tanto prazer lhe davam.

— Como és caridoso — expressou-se então o génio bom em figura de gnomo — dou-te licença para que me peças três coisas que são a paga dos teus três escudos.

— Então, pois sim! — disse o rapaz incredulamente. — Isto que tu queres fazer é só do domínio das fantasias para entreter crianças. Mas, enfim, sempre quero experimentar. Desejo então: uma espingarda que acerte logo no que eu alveja; um violino que tenha a virtude de forçar a bailar todos quantos

me oiçam; e, finalmente, que toda e qualquer pessoa me conceda, sem hesitação, a graça que eu pedir.

— És modesto a pedir — retorquiu o gnomo que, curvando-se, tirou do monte uma espingarda, e um bonito violino que se podia meter na algibeira. — Aqui tens — continuou o gnomo ao dar-lhos — e fica ciente de que serás servido sempre na primeira graça que solicitares.

O rapaz, jovialíssimo, continuou a sua rota. Depois de caminhar um bocado deparou-se-lhe um judeu, muito feio, com barbas de chibo muito compridas e que estava absorto a ouvir o canto de uma avezinha.

— É extraordinário que um animal de tão pequeno possuía um trinado tão belo. Quanto não daria eu para o ter engaiolado!

— Posso satisfazer o teu desejo — disse o rapaz que tinha ouvido as últimas palavras, e apontando a espingarda ao passarinho este caiu atordoado em cima dos espinhos.

— Vá lá, seu maroto, vá lá buscar o passarinho.

— Tratas-me com crueldade — respondeu o judeu —, mas não deixo de agradecer-te e vou apanhar a avezinha.

Em seguida meteu-se pelos espinhos custando-lhe a abrir caminho. De súbito o rapaz teve uma estupenda lembrança: principiou a dar arcadas no violino. Logo o judeu ergueu as pernas e começou a saltar, a pular, a torcer-se todo, ficando preso nos espinhos dos ramos, em que se achava e que lhe espicaçavam a cara, arrancando-lhe as barbas; ficou com o vestuário todo rasgado e a cara a escorrer sangue.

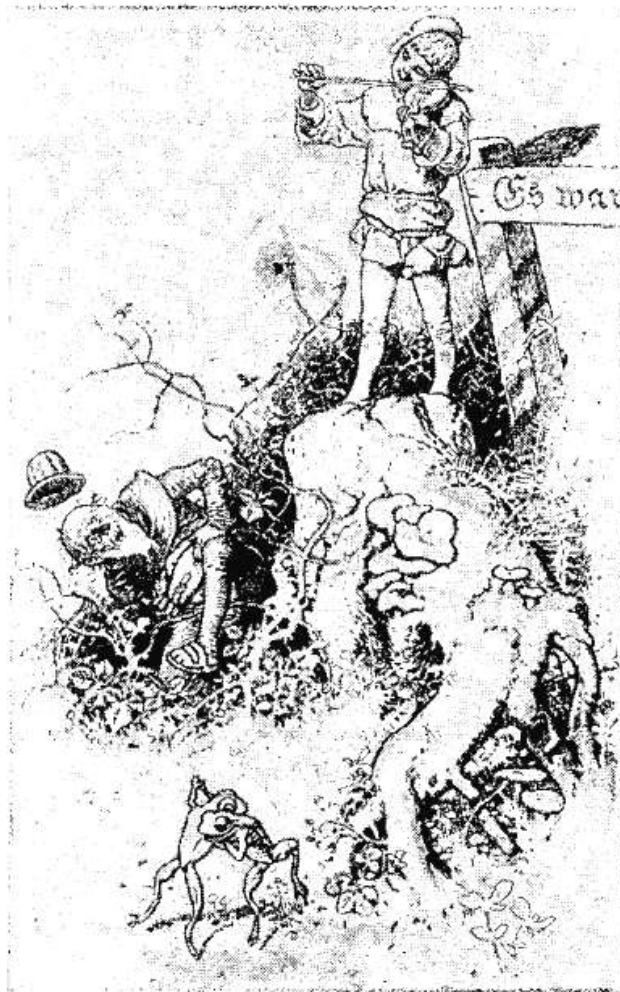
— Ai, ai! — lastimava-se o infeliz judeu. — Sossega, aquietate-te, não toques mais nesse amaldiçoado instrumento; aqui não é lugar próprio para baile!

O travesso moço não fazia caso do pedido pensando com os seus botões:

— Este rabino esfolou tanto infeliz enquanto pôde, que é justo que seja esfolado agora!

E de novo pegou no violino tirando acordes mais ligeiros. O pobre judeu, forçado a acompanhar o compasso, pulava e saltava; a cara cada vez estava mais ensanguentada, o fato desfazia-se em farrapos e o pobre velho gemia de dor. Enquanto isso, gritava:

— Apieda-te de mim, pelas barbas de Abraão, que em paga te darei uma bolsa cheia de dinheiro que trago comigo.



— Alegrias-me tanto com essa boa-nova que vou guardar o dinheiro. Antes, porém, quero dar-te os meus parabéns pela maneira graciosa e original por que danças! É uma perfeição!

O judeu então, entregando-lhe a bolsa que prometera, suspirou imenso, enquanto o alegre moço continuou a andar,

cantando. Quando já não o via, o rabino, não podendo conter o seu rancor, exclamou:

— Músico das dúzias, estás a contas comigo. Grande marau! Hás de pagar-me a partida mais cara do que ossos!

Tendo com essa fala dado vasão ao seu ódio, seguiu por atalhos e alcançou a cidade mais próxima antes que o rapaz aparecesse. Uma vez lá, foi queixar-se ao juiz nestes termos:

— Venho aqui pedir justiça, senhor, para um maroto que me atacou, maltratou e roubou o que eu trazia. A prova de que não minto é vera maneira como tenho o fato e a minha cara. Forçou-me a dar-lhe a bolsa que trazia cem moedas de ouro, que eram todo o meu pecúlio, as economias que consegui com o meu trabalho, o único bem que possuía. Faça todo o possível para que esse tesouro me seja restituído.

— Foi com alguma arma que o gatuno te pôs assim? — perguntou a autoridade.

— Nada, não senhor. Agarrou-me e agatanhou-me. É ainda moço, e traz uma espingarda e um violino; com estes dados facilmente se conhece.

O magistrado pôs em campo os guardas, que depressa viram o indigitado marau, que muito tranquilamente se encaminhou para essa localidade. Deram-lhe voz de prisão e trouxeram-no ante o magistrado e o judeu, que repetiu a acusação.

— Não toquei nessa criatura nem com um dedo — defendeu-se o rapaz — assim como não lhe tirei à força o dinheiro que ele trazia; ofereceu-mo da melhor vontade para que eu não tocasse mais no violino, cujos acordes o punham nervoso!

— É mentira! — exclamou o rabino. — Está a mentir impunemente!

— Está resolvida a questão — disse o magistrado —, pois é caso extraordinário um judeu dar de mão beijada uma bolsa com ouro, só para não ouvir um bocado de música. Pois se-

nhor: a sentença do seu mau ato está lavrada: vai ser enforcado imediatamente!

O verdugo, que se havia ido chamar, segurou o inocente moço, conduziu-o à forca, que já estava erguida na praça principal onde acorreu toda a cidade em peso, e o rabino fora o primeiro a mostrar-se fazendo menção de socar o pobre condenado, verberando:

— Malandro, vais ter a recompensa que te é devida!

O moço conservou-se muito tranquilo; subiu sozinho a escada apoiada à forca; ao chegar ao topo, virou-se para o juiz já togado, que viera vistoriar o patíbulo e solicitou-lhe:

— Antes de ter o nó na garganta, concede-me um derradeiro favor?

— Concedo — respondeu o magistrado —, desde que não seja o perdão!

— Nada disso é, pois não sou tão exigente... desejava apenas tirar uns ligeiros acordes do violino!

Ao ouvir tais palavras, o rabino deu um estridente grito de susto e pediu encarecidamente ao juiz que não consentisse!

— Qual a razão por que não hei de conceder a graça que este homem me pediu, se é a única alegria que por instantes posso dar-lhe? Tragam-lhe o violino.

— Ai, meu Deus! — lamentou o rabino querendo fugir, mas sem que lhe fosse possível abrir caminho pela compacta massa de povo que enchia a praça.

— Dou-lhe uma peça de ouro — prometeu ele no auge da aflição — se me amarrar com força ao pau da forca!

Nesse instante, porém, o rapaz deu o primeiro toque no violino. O magistrado, o escrivão, o beleguim, os guardas, enfim tudo o que compunha o corpo da magistratura da terra, os circunstantes, o próprio judeu, tiveram um estremecimento;

ao segundo toque, todos ergueram as pernas, o próprio verdugo desceu a escada e colocou-se em pé de dança.



O moço então — ao vê-los naquela pouco parlamentar atitude — tocou o mais possível, e agora os vereis: o povo fazia cabriolas; o juiz e o judeu saltavam como que movidos por molas; rapazinhos, velhos, magros, gordos, tudo dançava; se até os cães se erguiam nas patas de trás e dançavam como to-

dos! O condenado deu uns acordes mais fortes e nessa ocasião era inexplicável o movimento: pareciam possessos de algum espírito ruim, batendo com as cabeças umas nas outras, pisando-se, acotovelando-se, atropelando-se. Gemiam com dores, e o magistrado, aflito, fatigadíssimo, pediu:

— Não toques mais que eu perdoo-te!

Foi o que o moço quis ouvir, visto que, concordando que o gracejo fora longo, parou e guardou o violino no bolso, desceu os degraus e veio postar-se em frente do rabino que, esfalfado, extenuado exausto, se sentara no chão, respirando a custo.

— Agora és tu quem vais confessar a proveniência da bolsa que me deste, com peças de ouro. Não mintas, de contrário pego novamente no violino e tornas a dançar uma farandola! — tais as palavras que o rapaz dirigiu ao judeu, que confessou terrificado:

— Roubei-a, roubei-a, tu tiveste direito a ela pela tua honestidade; dei-ta para que não tocasses mais no violino!

Aparecendo o juiz, já um pouco refeito do cansaço, inquietou do que se havia passado e provando-se que tinha havido roubo, mandou enforcar o rabino.

JOÃO NO AUGE DA ALEGRIA



Era uma vez um rapaz que dava pelo nome de João e que esteve a servir durante sete anos num lugarejo da província. Ao cabo desse tempo, despediu-se do patrão e disse-lhe:

— Patrão, terminou o meu tempo de serviço para que fora chamado, mas, desejando regressar para casa de minha mãe, precisava que me pagasse o meu salário.

— Como foste sempre fiel e honesto — respondeu o patrão — mereces boa paga; e, pronunciando estas palavras, deu-lhe uma barra quase tão grande como a cabeça do seu antigo criado.

João tirou o lenço da algibeira, embrulhou nele a barra, pô-la aos ombros e meteu pernas a caminho em direção à casa da mãe. Andando sempre, ainda que custando-lhe a andar, por causa do peso do fardo, viu passar a seu lado um viandante trotando satisfeito num bonito e fogoso corcel.

— Que bom há de ser andar a cavalo! — exclamou João em tom alto. — Aquele homem vai ali comodamente sentado, não dá topadas nas pedras, não estraga as botas e anda sem que dê por isso.

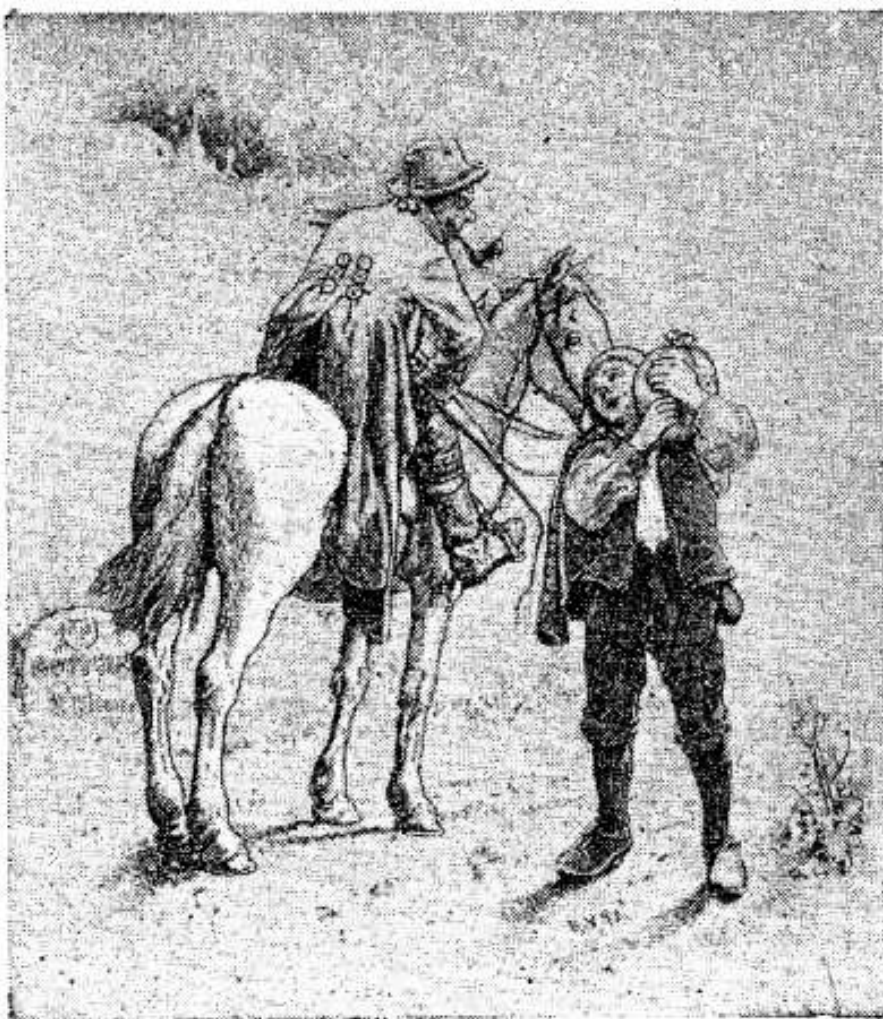
— Mas olha lá, ó rapaz — respondeu o viandante que lhe ouvia a exclamativa — porque é que vais a pé?

— Porque assim me é necessário — tornou João. — Levo uma trouxa muito pesada que tem de ir para casa; é ouro, é

certo, mas pesa-me como chumbo e quase me custa levantar o pescoço!

— Queres tu entrar numa combinação comigo? — aventurou o cavaleiro, que fizera estacar o animal. — Fazemos uma troca: eu cedo-te o meu bonito cavalo dando-me tu a barra de ouro!

— Com o máximo prazer! Advirto-o, porém, de que o carregamento é pesado!



O viandante depressa se desmontou do ginete, ajudou João a montar-se e em seguida tomou a barra, dizendo ao ingénuo moço, enquanto lhe dava as guias:

— Assim que desejes andar tão veloz como o vento, basta dares um estalido com a língua e gritares: upa, upa!

João ficou louco de contente, apenas se viu escarranchado no cavalo, e partiu a rápido galope. Ao fim de certo tempo, lembrou-se de ir mais depressa ainda, e, dando um estalido com a língua, incitou: upa, upa! O animal, compreendendo a indicação, largou numa corrida desenfreada, dando grandes upas e tais foram eles que o alegre João, não podendo sustentar-se no dorso do animal, caiu estatelado no meio da estrada, quase à beira dum poço. O cavalo continuou a correr, mas um aldeão que vinha em sentido inverso, trazendo uma vaca, agarrou-o pela rédea e assim o levou para junto de João que, levantando-se, estava a ver se havia sofrido algum desastre com o trambolhão.

— Olha que asneira, montar a cavalo! Arrisca-se a gente a deparar com um animal como este que nos atira de pernas ao ar! Nunca mais caio noutra. Agradeço o seu favor, mas não me fale no cavalo; se fosse uma vaquinha, isso então era outro cantar; basta levá-la diante de si, com certo jeitinho; e não é só isso: dá também o leite com que se faz a manteiga e o queijo que nos sustenta. Que não faria eu para assim possuir um animal!

— Se faz nisso muito empenho — alvitrou o aldeão — eu não me importo de a trocar pelo seu cavalo.

João açambarcou logo a ideia, cheio de satisfação; o aldeão montou o animal e depressa se eclipsou.

João tocou a vaca, que ia na sua frente muito devagar, enquanto ia magicando nas vantagens da troca que acabara de fazer:

— Desde o momento em que me não falte uma fatia de pão, e com certeza não será isso o que me há de faltar, posso, quando a fome me apertar, comer manteiga ou queijo, se tiver sede, munjo a vaca, e bebo um excelente leite. Que mais podes ambicionar, ó Janeco?

Ao acercar-se dum albergue, parou e querendo possuir alimento para sempre, deu cabo de toda a comida e gastou os derradeiros escudos numa cerveja. De seguida, tornou a pôr-se a caminho de casa precedido pela pachorrenta vaca.

O sol estava a pino e escaldava o rapaz, e João, encontrando-se num sítio desarborizado, sentiu tanta sede que se lembrou de beber leite; para esse fim, amarrou a vaca a uma sebe e, descarapuçando-se, começou a mungir o animalejo, mas por mais esforços que empregasse não conseguiu uma gotinha de leite. Como era leigo no assunto, magoou a vaca que, com a dor, lhe deu um coice que atirou longe João, que com a dor desmaiou.



Por felicidade, acercou-se um homem que levava, num carrinho de mão, um porco ainda pequeno.

— Que diabo foi isso? — perguntou o homenzinho, ajudando-o a pôr em pé.

João narrou-lhe o sucedido; o homem do porco ofereceu-lhe a borracha, dizendo-lhe:

— Ande, beba-lhe um gole para o pôr firme! E quer saber? A vaca está velha; boa apenas para puxar a uma carroça ou então para ir para o matadouro. Por esse motivo não é para admirar que lhe não conseguisse tirar leite.

— Oh co'a breca! — exclamou João, arranjando o cabelo que se havia emaranhado com a queda. — Quem o diria! O que é verdade é que, matando-se, a vaca ainda alimenta muita gente, mas como acho a carne pouco saborosa, não me servia. Agora se fosse um porquito! Isso era ouro sobre azul! Eu então que sou doido por chispe com feijão branco e chouriço de sangue!

— Ah, sim?! — lembrou o homem. — Então tome lá o porco em troca da vaca!

— Deus o ajude! — aceitou João dando a vaca; puxou o porco pela corda que o segurava no carrinho.

À medida que ia andando, ia pensando que tudo lhe corria em maré de rosas; mal tinha uma contrariedade e logo lhe desaparecia. Nisto encontra um rapazinho que levava debaixo do braço um gordo pato. Deram-se os bons-dias e começaram a conversar. João narrou os seus feitos, gabando-se da sua sorte; em compensação, o rapazito disse que o pato era uma encomenda para um batizado que tinha lugar numa localidade próxima.

— Tome-lhe o peso — aconselhou o rapazelho, agarrando o pato pelas asas. — Pesa bem, não é assim?! Não é caso para espantos, pois há mais de dois meses que foi para a engorda.

Quem o cozinhar pode gabar-se de preparar um excelente banquete!

— E é verdade que sim! — apoiou o nosso João. — Está gordo que é uma beleza! Contudo, o meu porquinho também não está mau!

O rapazito calou-se, mas não fazia outra coisa senão olhar para um lado e para o outro inquieto; em seguida, meneando a cabeça, disse:

— Quer saber uma coisa? Roubaram não há muitas horas um porco a uma das autoridades da terra por onde eu agora fiz caminho. Está-me cá a parecer que é esse mesmo, sim, quase que ia jurar! Que mau bocado lhe fariam passar se o vissem com ele. O menos que lhe faziam era metê-lo numa masmorra muito escura!

João, muito assustado, exclamou:

— O meu amigo é que me pode valer nestes apuros! Uma vez que conhece os cantos à vila, nada mais fácil que ocultá-lo; dê-me o pato que lhe cedo em troca o porco.

— Corro grave risco com a transação — hesitou o moço —, mas para o livrar das mãos da justiça, aceito-a!

Agarrou a corda e, puxando pelo porco, depressa se esgueirou por um atalho. O nosso herói, descuidado e alegre, continuou a andar, raciocinando:

— Fazendo bem as contas, eu ainda ganho com a troca: a carne do pato é muito saborosa e com as penas faço uma almofada.

Depois de haver passado a última localidade antes de chegar à sua aldeia natal, viu um amolador parado com a sua roda que fazia girar cantando.

João estacou e ficou a olhar para o que o homem estava a fazer; em seguida, dirigiu-lhe a palavra.

— Pela sua alegria se vê que tudo lhe corre no melhor dos mundos possíveis!

— Certamente, todo o ofício é ouro em fio, um bom amolador anda sempre endinheirado. Onde comprou esse belo pato?

— Comprar não comprei... foi uma troca que fiz! troquei-o por um porco.

— E o porco?

— Foi em troca duma vaca!

— E a vaca?

— Trocada por um cavalo!

— E o cavalo?

— Por uma bola de ouro do tamanho da minha cabeça!

— E esse ouro?

— Foi a paga que recebi de sete anos de serviço!

— Sim, senhor! — exclamou o amolador. — Não se perde! Se não mudar de tática ainda há de juntar muito dinheiro.

— Parece que sim! — retorquiu João. — Que hei de agora fazer para o conseguir?

— Faça-se amolador. É-lhe necessária apenas uma pedra de amolar... o resto depois vem com o andar dos tempos. Tenho aqui uma; já está um pouco gasta, mas para lha vender não, troco-a pelo pato. Convém-lhe?

— Se convém! — aceitou logo João. — Se suceder, como diz, que nunca me há de faltar dinheiro, serei um rei pequeno, sem cuidados, sem ralações e sem trabalho!

Entregou em seguida o pato ao amolador, que lhe deu uma pedra de amolar e uma outra que apanhara do chão.

— Olhe — disse para o herói do conto —, aqui tem mais uma; esta é magnífica para fabricar uma bigorna e endireitar pregos. Cuide bem dela.

João tomou as duas pedras e lá se foi muito contente, com os olhos brilhando de alegria.

— Nasci dentro de algum fole com certeza — pensou de si para si —, tenho sorte em tudo!

Entretanto como já andava desde manhã sentiu-se fatigado; estava com fome, mas nada tinha com que a matar, por ter comido todo o farnel aquando da troca da vaca. Custou-lhe a andar e volta e meia tinha de parar para descansar; as pedras faziam-lhe muito peso e disse com os seus botões que era bem bom que não as levasse, pois que lhe impediam andar mais ligeiro. Arrastando-se conforme pôde, chegou próximo de uma fonte ficando contente por encontrar com que molhar a garganta e criar alento para a caminhada.

Não querendo estragar as pedras, pô-las no rebordo da fonte e curvou-se para encher o barrete da límpida água que corria da bica; mas, tocando-lhes sem dar por isso, as pedras rebolaram e caíram com grande ruído dentro de água.

João, assim que as viu desaparecer, saltou de contentamento e, ajoelhando-se, agradeceu a Deus, com os olhos marejados, a mercê que lhe havia feito de o livrar daquele peso.

— Era esta a única coisa que me incomodava! Não creio que haja rapaz mais feliz do que eu!

E de coração aberto, não possuindo mais coisa alguma, pôs novamente pernas a caminho e só parou quando chegou à porta de casa de sua mãe.

PELE D'URSO



Em épocas bastante afastadas houve um rapazito que se tornou militar e desde então mostrou heroicidade, sendo o primeiro a avançar ao chover das balas. Enquanto durou a guerra, tudo lhe correu às mil maravilhas; mas assim que se assinaram a paz, o nosso soldado recebeu a soldada que lhe cabia e o comandante da coluna a que o mancebo pertencia disse-lhe que fosse para onde lhe aprouvesse, pois no regimento já não era preciso. Os pais tinham morrido, e o infeliz, nestas condições, não tinha pátria. Não sabendo a quem recorrer, foi ter com os irmãos pedir-lhes guarida enquanto não havia novo rompimento de hostilidades. Ora, como os irmãos eram muito ruins responderam-lhe:

— Em que poderemos empregar-te? Em nada nos poderias ser útil! Trata de te arrumar algures.

Ao pobre soldado só ficara a espingarda; pô-la ao ombro, e resolveu correr mundo. Depressa chegou a uma charneca, onde vegetava um número de árvores muito limitado. Sentou-se cabisbaixo à sombra e começou a matutar na triste situação a que se via reduzido.

— Estou sem dinheiro — pensou —, só conheço o ofício das armas, e agora que estão feitas as pazes, este ofício de nada me pode servir, e o meu fim é morrer de fome.

De repente, ouviu um ruído; voltou-se e viu, defronte de si, um desconhecido, com um casaco verde; estava vestido com esmero, mas tinha pés-de cabra.



— Eu sei o que te falta — disse-lhe o estranho personagem. — Conceder-te-ei tantas riquezas quantas queiras, mas é necessário que não sejas medroso, pois nesse caso não estou para tentar fortuna.

— Soldado e medo são coisas que não se casam — respondeu o rapaz. — Podes tentar.

— Nesse caso, olha para trás! — tornou o diabo feito homem.

O soldado olhou e viu um enorme urso que avançava para ele urrando.

— Ah! ele é isso?! Espera lá que já te vais calar de vez! — e o soldado assim falando apontou e fez fogo tão certo que a bala entrou no focinho do pesado animal que caiu redondo, sem um gemido.

— Está provado que não te falta coragem! Falta ainda outra condição para o contrato.

— Desde o momento em que não seja coisa alguma contrária à minha saúde, estou disposto a tudo o que quiseres.

— A condição é esta: durante sete anos não te lavarás, nem farás a barba, nem te pentearás, nem cortarás as unhas e, por último, nem rezarás. Se te agrada a proposta, dou-te um fato e um manto que não tirarás senão ao cabo desses sete anos. Se morreres entretanto, cairás em meu poder; se, pelo contrário, viveres muito tempo, conquistarás a liberdade e serás rico o resto de teus dias.

O soldado refletiu no perigo que corria, mas, como várias vezes havia enfrentado a morte, decidiu-se a arriscar a vida na empresa, e aceitou a proposta. O diabo despiu o casaco verde, que fez vestir ao soldado, acrescentando:

— Desde que vistas este casaco não te há de faltar dinheiro; mete a mão na algibeira e verás que te não minto.

Dito isto tirou a pele ao urso morto e presenteou com ela o soldado a quem disse:

— Este é que é o teu manto; servir-te-á de cama, porque não te é permitido deitar-te sob lençóis. Como consequência deste nosso contracto todos te chamarão *Pele d'urso*.

Ao terminar a indicação, o demo sumiu-se.

O soldado vestiu o casaco, meteu a mão à algibeira e achou o que o estupendo personagem lhe dissera; em seguida, envolvendo-se na pele de urso, pôs-se a caminho, mostrando-se sempre e em toda a parte bondoso e caritativo. O primeiro ano correu bem, mas ao segundo ano já era um monstro; o ca-

belo tapava-lhe os olhos completamente; a barba parecia um grosseiro bocado de feltro; os dedos afuselavam-se em garras e o rosto estava tão sujo que se houvesse semeado nele qualquer planta, esta não deixaria de se desenvolver. A sua presença afugentava toda a gente; como, porém, por todos os lugares em que passava, ele distribuía esmolas aos pobres, pedindo-lhes que orassem por ele, a fim de que não morresse antes de sete anos, e como usava pagar depressa e bem, nunca ficara ao relento, e tinha sempre quem lhe desse dormida.

Em meados do quarto ano, chegou a uma estalagem, mas o estalajadeiro recusou-se a dar-lhe guarida; este homem nem mesmo consentiu que o estranho hóspede fosse dormir para a estrebaria, receoso de que a presença de semelhante exemplar da espécie humana lhe espantasse os cavalos. Contudo *Pele d'urso* meteu a mão na algibeira, tirando um punhado de dinheiro, e o estalajadeiro, à vista do diabólico íman, curvou-se à imperiosa ambição e consentiu que o estranho viandante ficasse num péssimo quarto interior, mas sob condição de que não se mostraria a pessoa alguma, temendo sempre que a casa, por aquele dever de hospitalidade, perdesse os créditos.

Enquanto *Pele d'urso*, sentado sozinho no humilde casinholo, pensava tristemente na lentidão dos anos que ainda tinha de passar sob aqueles medonhos trajés, ouviu queixumes e suspiros que partiam dum quarto próximo. Como era dotado de bom coração — e sem se lembrar do pedido do hospedeiro — abriu a porta e viu um velho que chorava a bom chorar e que, dolorosamente, punha as mãos na cabeça. *Pele d'urso* acercou-se do companheiro de estalagem que se ergueu subitamente querendo fugir. Ao ouvir, porém, a voz da estranha criatura, serenou, e a sua conversa amável fê-lo animar-se a confiar-lhe as mágoas que o afligiam. Os seus recursos iam diminuindo a olhos vistos; as filhas e ele estavam sujeitos a

sofrer as maiores privações, e tão pobre era que não podia pagar hospedagem ao estalajadeiro, razão pela qual o iam prender.

— Se outro não é o vosso cuidado, consolai-vos — disse *Pele d'urso* ao ouvir a narrativa do velho. — A mim não me falta dinheiro.

Chamou o estalajadeiro e pagou-lhe tudo o que o velho lhe devia, entregando a este uma bolsa recheadinha d'ouro.

Quando o velho se viu tão facilmente livre de apoquentações, não teve palavras para exprimir o seu grande reconhecimento; ao cabo de algum tempo, disse a *Pele d'urso*:

— Siga-me; as três filhas que possuo são perfeitas maravilhas de beleza; autorizo-o a escolher uma para mulher. Assim que souberem da boa ação que praticou em meu favor, serão as primeiras a aceder ao meu desejo. Realmente, o seu espeto é esquisito e pouco atraente, mas a que escolher saberá disfarçar a primeira impressão que é, decerto, desagradável.

A proposta agradou a *Pele d'urso*, que de muito boamente acompanhou o velho. Apesar de afastados de casa, a primeira filha ao vê-lo fugiu, transida de medo, aos gritos. A segunda — valha a verdade — não fugiu senão depois de o ter bem examinado dos pés à cabeça.

— Como posso eu aceitar por marido um ser que não tem espeto humano? Marido por marido, então preferia o urso-pardo que ultimamente se exibiu pelas ruas, que dava ares de homem, vestindo um rico manto e de luvas calçadas! Era feio, mas facilmente me habituaria a vê-lo.

Quando coube a vez da mais novinha esta disse:

— Meu pai, este homem deve ter um bom coração, pois que dúvida alguma teve em livrá-lo de apuros; se, para lhe provar a gratidão de que está obrigado para com ele, lhe prometeu noiva, não se dirá que a sua palavra se não cumpre.

Que alegria não transpareceria no rosto do pobre soldado, se não estivesse tão velado pelo cabelo! O seu coração rejubilou ao ouvir as boas palavras da linda moça! Tirou do dedo um anel que trazia, partiu-o em duas metades e deu uma das partes à rapariga, tendo antes disso o cuidado de escrever o nome na parte que deu à prometida e o dela na metade com que ficou. Feito isto, despediu-se dos seus novos conhecimentos, dizendo-lhes:

— Tenho ainda de correr mundo durante três anos; se voltar ao cabo desse tempo casamos; se não tornar, a sua palavra está desligada do compromisso, pois é prova segura de que morri; rogue a Deus para que me conserve a vida.

A infeliz namorada vestiu-se toda de negro, e sempre que se lembrava do seu prometido as lágrimas corriam-lhe abundantes. As irmãs não se cansavam de a motejar e escarnecer.

— Acautela-te ao estenderes-lhes a mão, não vá ele dar-te a pata! — dizia-lhe a mais velha.

— Sê prudente, pois os ursos são traiçoeiros, e ainda que lhe agradasses, pode muito bem ser que depois te devore! — fazia coro a segunda irmã.

— Tens de fazer-lhe todas as vontades, senão dá urros! — tornava a primeira.

E acrescentava a do meio:

— Sim, sim... e olha que a cerimónia deve ser bem divertida, pois os ursos dançam alegremente.

A pobre criatura conservava-se alheia aos motejos que lhe não faziam diminuir o sentimento que nutria pelo benfeitor de seu pai. Entretanto *Pele d'urso*, percorrendo vários lugares, continuava praticando o bem e semeando dinheiro a rodos em esmolas, na esperança de que os mendigos rogariam por ele. Chegou finalmente o último dia dos sete anos de caminheiro.

Tomou o caminho da charneca e foi sentar-se no mesmo sítio em que se havia sentado sete anos antes. Pouco tempo esteve só, pois que, segundos depois, sentiu soprar o vento e viu na sua frente o diabo olhando-o tristemente; em seguida restituiu ao viandante o seu antigo traje, recebendo em troca o casaco verde que lhe cedera.

— Não te apresses — disse *Pele d'urso* —, primeiro tens de me arranjar convenientemente.

Se a lembrança agradou ou não ao demo é coisa que não podemos averiguar, mas o que é certo é que, com vontade ou sem ela, não teve outro remédio senão ir buscar água, lavar *Pele d'urso*, cortar-lhe o cabelo e as unhas, penteá-lo e fazer-lhe a barba. Limpo e arranjado, *Pele d'urso* voltou ao seu espeto de soldado valente; nunca fora tão formoso.

Assim que se viu livre do diabólico personagem de uma vez para sempre, o herói do nosso conto sentiu-se leve que nem uma pena. Rápido se encaminhou para uma povoação próxima, comprou um fato de veludo, sentou-se numa elegante carruagem puxada por duas parelhas de cavalos brancos, e deu ordem ao cocheiro para se dirigir a casa da noiva. Pessoa alguma o reconheceu; e o futuro sogro, imaginando-o um alto personagem, fê-lo entrar para o gabinete em que permaneciam as filhas. Convidou-o a sentar-se entre as mais velhas que tiveram o cuidado de oferecer-lhe vinhos generosos, doces dos mais finos, enfim fizeram tudo o que puderam para lhe agradar, e dizendo em segredo, entre si, que nunca tinham contemplado personagem tão perfeito. Contudo a noiva, coberta de luto, permanecia sentada defronte dele; não erguia os olhos nem dizia palavra. Por fim, o desconhecido — para nós bem conhecido — pediu ao velho se o autorizava a pedir uma das filhas em casamento, e as duas mais velhas levantaram-se como se mola as impelisse, e foram paramentar-se com os

mais ricos vestidos que possuíam, pois qualquer delas estava crente de que era sobre si que incidia a escolha do desconhecido personagem. Ora, este, quando se viu só com a sua noiva, tirou da algibeira metade do anel que conservara preciosamente, meteu-a num cálice que encheu de vinho generoso, apresentando-o à fiel menina que o aceitou e, depois de o beber, notou no fundo a metade do anel; sentiu pulsar o seu coração; tomou a outra metade que trazia pendente de um colar que lhe envolvia o pescoço, aproximou as duas e viu que se ajustavam perfeitamente. Por então o rapaz disse:

— Sou o teu noivo, o noivo que há três anos viste coberto com uma pele de urso, mas graças a Deus recobrei a minha forma primitiva.

Ao concluir, apertou-a nos braços, e beijou-a na testa. Nessa ocasião, entraram as duas irmãs muito vaidosas com os seus vestidos, e ao verem que o personagem já estava comprometido com a mais moça, é que se lembraram de que não podia ser outro senão *Pele d'urso*, de quem tão pouco haviam feito. Ficaram tão cheias de vergonha e de invejoso ciúme que fugiram do gabinete: uma deitou-se a um poço, e a outra enforcou-se na primeira árvore que encontrou.

À noite bateram à porta; o noivo foi abri-la e reconheceu pelo casaco verde o diabo que lhe disse:

— Fiquei sem a tua alma, é certo, mas em compensação apareceram-me duas!

Aventuras de João-Pequenino



No tempo em que Deus andava pelo mundo, estava um pobre lavrador aquecendo-se à lareira enquanto se lastimava à mulher, que perto dele fiava, desgostoso por não ser contemplado com filhos.

— Que sossego — acrescentou — vai nesta casa enquanto noutras tanto barulho há causado pela alegria e pelos risos da pequenada!

— Tens razão — apoiou a mulher, suspirando. — Oxalá tivéssemos um só, nem que fosse tão pequenino que quase se não visse. Isso me bastaria para nos alegrar e querer-lhe-íamos de todo o coração.

A boa mulher, alguns dias passados, principiou a andar doente, e ao cabo de sete meses foi mãe dum menino tão bem formado que se dissera de todo o tempo, mas muito pequenino. Ao vê-lo, a mãe não se conteve que não dissesse:

— É exatamente como nós o havíamos desejado; não deixa, apesar de mais pequeno do que um dedal, de ser o nosso filhinho.

Por via disso toda a parentela lhe ficou chamando João-Pequenino. Criaram-no tão bem quanto puderam; não cresceu mais, ficando sempre do mesmo tamanho em que nascera. Era muito vivo, muito esperto; e tinha uns olhitos muito brilhantes; e bem cedo mostrou o tino e atividade suficientes para levar a bom termo qualquer empresa a que se abalançasse.

O camponês, certo dia, preparava-se para ir cortar madeira à mata vizinha e disse para consigo:

— Bem precisava eu de quem me conduzisse a carroça.

— Pai — gritou João-Pequenino —, eu guio a carroça, se quer; não se assuste que chegará a tempo.

O homem desatou a rir:

— Isso é impossível! Se és tão pequenino, como hás de segurar a rédea ao cavalo?

— Isso não faz diferença, pai! Se a mãe vai atrelar o cavalo, eu meto-me na orelha do cavalo e ensino-lhe o caminho a seguir.

— Pois então, experimentemos.

A boa da mãe meteu o cavalo à carroça, e introduziu João-Pequenino na orelha do animal; e o João-Pequenino gritava todo o caminho: *Vá, cavalo!* mas tão distintamente que o animal andava como se na realidade o guiasse algum carroceiro; desta maneira chegou a carroça à mata, indo pelos melhores caminhos.

No momento em que a carroça torneava uma sebe, e se ouvia a voz do rapazinho: *vá, cavalo!* passaram dois indivíduos desconhecidos que exclamaram estupefactos:

— É inédito! Uma carroça que anda à voz de um carroceiro que não se vê!

— Alguma coisa há de extraordinário; sigamos o veículo para ver onde para!

Continuou a carroça no caminho que levava até parar no sítio onde havia árvores caídas. Assim que João-Pequenino avistou o pai, gritou:

— Então, pai, guiei ou não guiei a carroça? Agora põe-me no chão.

O lenhador, segurando com uma das mãos a rédea, serviu-se da outra para tirar de dentro da orelha do cavalo o rapazito a quem pôs no chão; o rapazinho sentou-se num feto.

Os dois desconhecidos, ao verem João-Pequenino, não sabiam que imaginar, de tal maneira ficaram extáticos com o raríssimo fenómeno. Falaram em segredo e resolveram:

— Este exemplar pode trazer-nos uma fortuna, se quisermos expô-lo a troco de alguns cobres em qualquer povoação; não será mau comprá-lo.

Em seguida encaminharam-se para o camponês, e propuseram-lhe:

— Quer vender-nos esse anãozinho sob a condição que cuidaremos muito dele?

— Não — respondeu o interrogado —, é meu filho e por dinheiro algum eu me desfaria dele.

João-Pequenino, porém, que percebera e ouvira bem toda a conversa, trepou pelas pernas do pai à altura do ombro e segredou-lhe:

— Pai, aceite a proposta, que eu em breve estarei de volta.

Ante esse conselho de João-Pequenino, o pai cedeu-o aos homens por uma valiosa moeda de ouro.

— Onde queres tu colocá-lo? — perguntaram entre si.

— Ora, ponham-me na aba do chapéu; assim posso ver tudo quanto se passa em volta de mim e não há meio de me perderem— alvitrou João-Pequenino, acrescentando: — Mas, cuidado, não me deixem cair.

Os homens assim fizeram; João-Pequenino despediu-se do pai, e foram-se embora com o rapazinho. Fartaram-se de caminhar até ao cair da tarde; nessa ocasião o bocadinho de gente gritou-lhes:

— Parem, que preciso de descer!

— Deixa-te estar no meu chapéu; não estejas com cerimónias, porque os passarinhos também me fazem isso muita vez!

— Não, não quero! — insistiu João-Pequenino. — Ponham-me depressa no chão.

O homem pegou no João-Pequenino e pô-lo no chão num relvado à beira-estrada; João-Pequenino depressa alcançou umas moitas e de repente encafuou-se numa toca de rato que buscara de propósito.

— Boa viagem, meus senhores, continuem o caminho sem a minha companhia — gritou-lhes, rindo.

Quiseram agarrá-lo, fazendo cócegas na toca de rato com palhinhas — como é de uso fazer-se aos grilos, mas perderam o tempo e o feitio, pois que João-Pequenino cada vez se metia mais para dentro da toca, e a noite avizinhava-se, de modo que foram obrigados a ir para casa, fulos e com as mãos a abanar.

Quando já iam longe, João-Pequenino saiu do improvisado esconderijo. Arreceou-se de seguir viagem à noite, por meio de campos, porque partir uma perna não é difícil. Felizmente avistou uma cavidade no topo de uma árvore, exclamando:

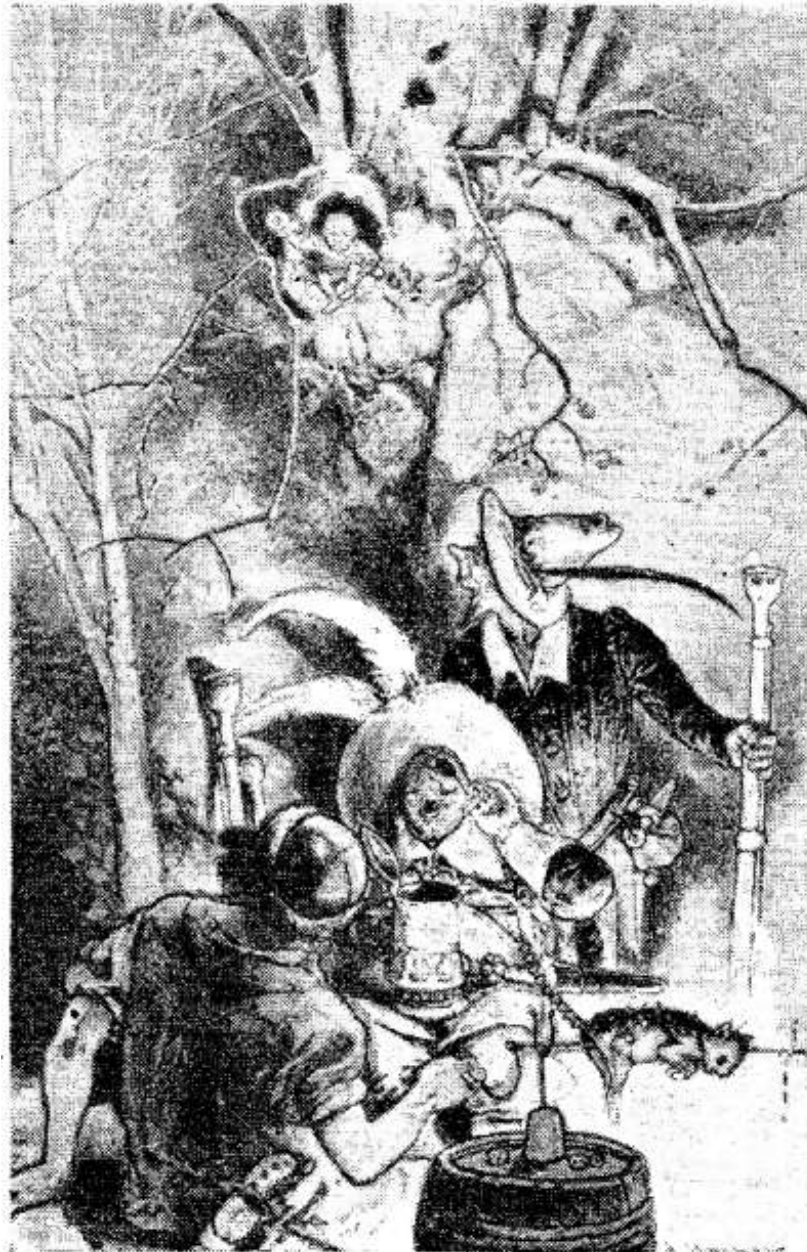
— Louvado seja Deus, já tenho casa para dormir.

Quando ia a pegar no sono, ouviu a voz de três homens que abancaram por baixo da árvore, ceando e conversando:

— Como havemos de proceder para roubar a esse rico pároco toda a sua fortuna?

— Eu lhes digo! — dirigiu-se-lhes a voz invisível.

— Quem está aí?! — gritou um dos ladrões verdadeiramente aterrorizado. — Ouvi uma voz!



Calaram-se para escutar, quando João-Pequenino se tornou a ouvir:

— Tomem-me à vossa conta, que eu vos ajudarei nessa *piadosa* tarefa.

— Onde é que estás?

— Procurem na árvore, no sítio de onde parte a voz.

Os ladrões encontraram-no por fim e exclamaram:

— Peçaço de gente, como é que tu nos podes ser útil!

— Ora, de um modo bem fácil: meto-me pelas grades da janela que há no quarto do pároco e vou-lhes passando tudo o que quiserem.

— Pois bem, seja! — acederam os ladrões. — Vamos à experiência!

Assim que chegaram ao presbitério, João-Pequenino introduziu-se no quarto, e em seguida começou a gritar com toda a força dos pulmões:

— Querem tudo o que está aqui?

Os ladrões amedrontados disseram-lhe:

— Fala mais baixo que acordas toda a gente!

João-Pequenino fazendo ouvidos de mercador, cada vez gritava mais:

— O que é que vocês querem? É tudo isto?

A criada, que dormia no quarto pegado àquele em que o herói da historieta se encontrava, ouviu este ruído, levantou-se da cama e pôs-se de ouvido à escuta; os malfeitores haviam desaparecido, mas ganhando ânimo e, supondo que o rapazito só os queria amedrontar por mera brincadeira, voltaram à carga, e disseram-lhe devagarinho:

— Tem mais tento: passa-nos alguma coisa, anda!

João-Pequenino, se gritava até então, agora quase que berrava:

— Vou dar-lhes já tudo; aparem com as mãos!

Desta feita, a criada ouviu tudo perfeitamente; saltou da cama e correu para a porta. Os gatunos ao pressentirem gente deram às de vila Diogo, como se o Diabo lhes tivesse dado asas; a criada, não ouvindo mais coisa alguma, foi acender uma candeia. Quando apareceu, João-Pequenino, sem que ela o tivesse enxergado, foi esconder-se no palheiro. A criada, depois de ter pesquisado todos os cantos à casa sem que nada

visse, tornou a deitar-se, supondo que tudo o que ouvira fora sonho.

João-Pequenino tinha-se aninhado no feno, onde arranjava uma boa caminha em que contava dormir até manhã, indo em seguida para casa dos pais que a essa hora deviam estar em sobressaltos.

Não pararam porém, aqui as aventuras deste ratão; havia de passar ainda por bem maus bocados. A criada ergueu-se ao amanhecer para dar ração ao gado. A primeira coisa que fez foi ir ao palheiro buscar forragem, donde tomou uma braçada de feno com o infeliz João-Pequenino lá metido muito ferrado no sono. E tão bem dormia que não deu por coisa alguma e quando despertou viu-se na boca de uma vaca, que o engoliu com um bocado de feno. A primeira impressão que sentiu foi a de se julgar caído num moinho de pisoeiro; mas depressa compreendeu onde é que realmente estava. Evitando o meter-se por entre os dentes, deixou-se escorregar pela garganta até ao estômago. O compartimento em que se encontrou parecia-lhe estreito, sem janela, e onde não havia sol, nem luz, nem sequer candeia! A casa em que morava desagradava-lhe bastante, e o que mais complicava a sua crítica situação era a quantidade de feno que lá se armazenava, estreitando mais ainda o pouco espaço em que se continha. Por fim, não podendo mais suster-se do terror que dele se apossara, João-Pequenino gritou o mais que pôde:

— Basta de feno, basta de feno que eu não posso mais... abafo!

A moça do pároco, que nesse momento estava precisamente a mungir a vaca, ao ouvir a voz sem que visse quem falava, mas que reconhecia pela que a tinha acordado durante a noite, assustou-se tanto que saltou do banco em que estava

sentada, entornando o leite. Foi a toda a pressa chamar o pároco para lhe dizer:

— Senhor cura, a vaca fala!

— Tu ensandeceste, rapariga? — respondeu o padre, enquanto despreocupadamente se dirigia para o estábulo, para se certificar do que ouvira.

Não tinha ainda o pároco franqueado o portal quando João-Pequenino gritou de novo:

— Basta de feno... que eu atabafo!

O terror apoderou-se então do padre, que supondo a vaca enfeitiçada, ou que tinha o diabo metido no corpo, disse que era preciso dar cabo dela. Abateram-na, e o estômago, onde o pobre João-Pequenino se via prisioneiro, foi lançado para o estrume.

O rapazito viu-se aflito para se desenvencilhar do malcheiroso sítio em que se conservava, e mal conseguiu ter a cabeça desembaraçada, uma nova desgraça o veio atingir, uma aventura inesperada. Um lobo esfaimado atirou-se ao estômago da vaca, e, chamando-lhe um figo, engoliu-o numa assentada. João-Pequenino não descoroçoou.

— Talvez — pensou com os seus botões — este lobo seja sociável.

E de dentro da barriga, em que estava novamente preso, gritou-lhe:

— Bom lobo, vou ensinar-te o sítio onde há uma excelente presa.

— E onde fica isso? — perguntou o lobo.

— Nesta e naquela casa; pouco trabalho tens: basta-te deslizar pelo esgoto da cozinha; aí encontrarás bons bocados, como toucinho, chouriço à discrição; que mais queres? E olha que te não levo nada pelo conselho!

E assim o esperto João-Pequenino lhe deu os sinais certos da casa do pai.

O lobo não quis ouvir mais, nem se fez rogado, nem sequer foi preciso dar-lhe o recado mais duma vez; meteu-se pela cozinha e comeu à tripa-forra. Quando, porém, quis sair, foi-lhe impossível. Tirou o ventre de misérias de tal maneira que não houve meio de passar pelo cano. João-Pequenino, que tudo previra, começou a fazer um grande barulho no corpo do lobo, aos pulos e em altos gritos; o lobo pedia-lhe:

— Vê lá se estás quieto! Tu assim acordas meio mundo!

— Deixa-me cá... Tu comeste até que te regalaste; agora sou eu que me divirto a meu modo! — e continuou a gritar tanto quanto podia.

Acabou por acordar a família, que veio pressurosa olhar para a cozinha pelo buraco da fechadura. O pai e a mãe ao verem que estava ali um lobo, armaram-se: o pai com um machado e a mulher com uma foice.

— Fica para trás — aconselhou o marido à mulher quando entraram na cozinha, eu vou matá-lo com o machado, mas se o não matar dum só golpe, tu abres-lhe a barriga!

João-Pequenino — ao conhecer a voz do pai — pôs-se a gritar:

— Sou eu, meu pai, sou eu que estou na barriga do lobo!

— Graças! — exclamou o pai louco de contente. — Ora até que enfim que o nosso filho foi encontrado!...

E disse logo à mulher que pusesse de parte a foice não fosse ferir o João-Pequenino. Em seguida com faca e tesoura abriu a barriga do lobo donde saltou lesto o nosso simpático João-Pequenino.

— Não podes calcular, filho — exclamou o pai—, os sustos que temos tido com a tua sorte!

— Acredito, pai... mas olhe, eu fartei-me de correr mundo; felizmente que já vejo a luz do dia!

— Onde tens tu estado?

— Ora, onde tenho estado! Estive numa toca de rato, na cavidade de uma árvore, no feno, na barriga de uma vaca, no estrume e por fim na barriga de um lobo! Agora estou com os meus queridos pais!

— E nós não te tornaríamos a vender por dinheiro algum deste mundo! — disseram os pais abraçando-o e apertando-o contra o coração.

Deram-lhe de comer e vestiram-lhe outro fato, pois o primitivo vinha em estado lastimoso, o que é natural, atendendo aos sítios pouco limpos por onde viajara o nosso João-Pequenino.



Era uma vez uma pobre mulherzinha que deu à luz um filho, e como ele tivesse nascido sob uma boa estrela, não tinha ainda visto a luz do dia, e já prediziam que aos catorze anos casaria com a princesa. Pouco tempo depois apareceu na aldeia, vindo incógnito, o rei, que, perguntando que novas havia, ouvira dizer:

— Não há muitos dias nasceu um rapazinho sob uma boa estrela, o que indica vir a ser muito feliz, demais que já lhe auguraram casamento com a princesa, quando chegasse aos catorze anos.

O rei— que não tinha bom caráter — ficara agastado com a previsão; pediu para lhe indicarem a morada dos pais do rapaz, para onde se dirigiu com sorrisos. Em seguida falou assim:

— Sois pobres, por isso peço que me confieis o rapaz, a quem arranjarei um bom futuro.

Os pais, a princípio, recusaram semelhante proposta; mas o desconhecido ofereceu-lhes uma grossa maquia em ouro; lembrando-se eles da profecia de que, tendo nascido sob uma boa estrela, nada de mau lhe podia acontecer, resolveram aceitar, separando-se do filho.

Assim que dali saiu, o monarca meteu o rapazinho numa caixa, que amarrou à sela do cavalo e continuou a sua rota. Não tardou a encontrar um ribeiro, com certa fundura, para onde atirou a caixa, exclamando:

— E assim livro minha filha de casar com tão desgraçado pretendente!

Mas o mais curioso é que a caixa não naufragou, bem pelo contrário, desceu o rio ao sabor da corrente como se fosse um barquinho, sem que uma só gota de água lhe entrasse dentro. A caixa correu à tona de água até uma distância de duas milhas da cidade; aí encontrou um obstáculo: as rodas de um moinho, onde encalhou. Um moço de moleiro, que por casualidade se encontrava a curtos passos dali, viu-a e rebocou-a com uma fateixa, crente de que encontraria uma riqueza. Abriu-a, pressuroso, mas a riqueza apareceu-lhe na figura de um menino esperto e risonho. Levou-o aos amos que, como não tinham filhos, bem contentes ficaram com o achado, e disseram em coro:

— É Deus que no-lo envia!

Por conseguinte, tomaram-no à sua conta e educaram na prática das boas ações o orfãozinho. Passados anos, o soberano, fugindo a um temporal, refugiou-se certa tarde em casa do moleiro, a quem perguntou se o rapaz que tinha ali era seu filho.

— Não — responderam o moleiro e a mulher. — É um menino abandonado, que há catorze anos veio trazido pela corrente dentro duma caixa até à calha do moinho; o moço, que estava perto, puxou-a e trouxe-a para terra.

A estas declarações, o rei percebeu logo que o rapaz não podia ser outro senão o menino que nascera sob uma boa estrela, e tanto que perguntou:

— Digam-me: este rapaz não podia ir fazer-me um recado, levar uma carta à rainha minha mulher? Dou-lhe duas moedas de ouro por este pequeno trabalho.

— Quando vossa majestade quiser! — redarguíram de pronto moleiro e moleira.

Em seguida mandaram pôr a postos o rapaz.

O rei, entretanto, dirigia esta carta à rainha:

«Mal o rapaz, portador desta carta, aí chegue, dá-te pressa em mandá-lo matar e enterra-o em seguida; o resto será resolvido no meu regresso.»

O mocinho partiu com a carta e chegou pela noite a uma grande mata; por entre a escuridão avistou uma luzinha. Seguiu nessa direção e depressa parou perto de uma cabana. Entrou e viu sentada uma velha, sozinha, ao pé de uma lareira. Ao ver o rapaz ficou transida de medo, e gritou:

— Onde vens e para onde vais?

— Venho do moinho — respondeu — e vou ao palácio levar uma carta à rainha; como, porém, me perdi na mata, muito grato me seria passar aqui a noite.

— Infeliz criatura! — redarguiu a velha. — Vieste ter a uma caverna de salteadores, que, se aqui te encontram, são muito capazes de te darem cabo da pele!

— Venha quem vier, de nada tenho medo; estou bastante fatigado para que possa continuar a jornada.

Ditas estas palavras, sentou-se num banco e adormeceu.

Daí a pouco apareceram os salteadores que perguntaram irritados quem era aquele intruso.

— Ora — retorquiu a velha — é um pobre moço que se perdeu na mata e a quem recolhi por dó; foi encarregado de levar uma carta à rainha.

Os salteadores apoderaram-se da carta, partiram-lhe o sinete e leram, vendo pelo conteúdo que, mal chegasse, o portador seria executado. Esta circunstância tanto os impressionou que o capitão da quadrilha rasgou a carta e escreveu outra em que dizia que mal o portador chegasse lhe fizessem o casamento com a princesa.



Feito isto, deixaram-no dormir sossegadamente no banco até ao dia seguinte; quando acordou, restituíram-lhe a carta e indicaram-lhe a estrada real.

Entretanto, a rainha mal leu a carta, que passara como escrita pelo rei, ordenou grandes festas para o casamento da filha com o rapaz nascido sob uma boa estrela. Como este era perfeito, amorável e dotado de bom coração, a princesa vivia feliz e satisfeita.

Passado algum tempo, o soberano regressou ao palácio, e, com grande espanto seu, viu que a profecia de o rapaz nascido sob uma boa estrela casar com a princesa se realizara.

— Como foi isto arranjado? — perguntou à rainha. — Havia dado outra ordem na minha carta!

A rainha apressou-se a mostrar-lhe a carta a fim de se certificar do que havia escrito. O rei leu-a, e viu que fora trocada. Perguntou ao rapaz o que havia feito da carta que lhe confiara, e como é que havia trazido outra.

— Não sei! — respondeu o rapaz. Só se me foi roubada na noite que passei na mata; aproveitando-se do meu sono.

O rei respondeu irritado:

— Não me serve essa desculpa, e tanto que minha filha não te pertence, enquanto me não trouxeres do inferno três cabelos de ouro da cabeça do diabo; satisfeita esta condição, restituo-te a princesa.

O soberano, falando assim, cuidava que ficaria livre dele de uma vez para sempre. Como resposta, o rapaz nascido sob uma boa estrela disse ao rei:

— De boa vontade aceito a sua proposta de trazer os três cabelos de ouro, tanto mais que não tenho medo do diabo!

Ditas que foram estas palavras, despediu-se e pôs-se a caminho.

Esta estrada ia ter a uma cidade, às portas da qual estava uma sentinela que lhe perguntou em que ele poderia ser-lhe útil e o que é que sabia.

— Sei tudo — respondeu o rapaz nascido sob uma boa estrela.

— Nesse caso, podes-nos indicar com facilidade a razão por que a fonte do mercado donde corria vinho, hoje não deita nem uma gota de água?

— Depois o direi — respondeu o nosso viandante. — Espere que eu volte.

Em seguida, continuou o seu caminho até chegar às portas doutra cidade. A sentinela, que estava no seu posto, perguntou-lhe igualmente em que é que ele podia tornar-se útil e o que é que sabia.

— Sei tudo...

— Por conseguinte, só tu nos podes prestar um grande serviço em nos dizer qual o motivo por que a árvore da praça, que antigamente nos dava maçãs de ouro, hoje nem sequer folhas apresenta.

— Quando voltar darei explicação — respondeu.

E lá foi andando, andando até que chegou a um largo rio que precisava de atravessar. O barqueiro, que estava próximo, perguntou-lhe também em que é que ele lhe poderia ser pres-tável e o que é que sabia.

— Sei tudo! — retorquiu o viajero nosso conhecido.

— Pois tu é que estás nas melhores condições para me dizer qual a causa por que é que ando a remar neste barquinho de um lado para o outro sem que possa livrar-me deste encargo.

— Dir-to-ei à volta — respondeu.

Assim que se viu na margem oposta, reparou logo na boca do inferno. Estava escuro, e chegava-lhe ao nariz o cheiro da fuligem. O diabo não estava em casa. Só lá estava a mãe, sentada numa larga poltrona que perguntou ao arrojado mocinho:

— Que queres tu daqui? — e olhava-o com certo ar de simpatia.

— Queria possuir três cabelos de ouro da cabeça do diabo, pois que se não os consigo, fico sem a minha noiva.

— É querer muito — retorquiu a velha — porque se o diabo entra e te vê aqui, não ganhas para o susto; mas tenho pena de ti e por isso te auxilio.

Quando acabou de falar, transformou-o numa formiga e aconselhou-o:

— Mete-te numa das pregas da saia, pois ficarás seguro do perigo.

— Está bem, mas eu desejava três respostas a três perguntas: qual a razão por que uma fonte que antigamente deitava vinho, agora nem uma gota de água deita; porque é que uma árvore que dantes dava maçãs de ouro, agora nem folhas tem; e, finalmente, qual o motivo por que um pobre barqueiro tem de remar duma banda para a outra, sem que se substitua.

— São problemas com certa dificuldade de solução, mas ouve com atenção e não dêes palavra; escuta com cuidado as respostas que hão de coincidir com o arranque dos três cabelos de ouro.

Ao anoitecer, voltou o diabo. Ainda bem não tinha posto o seu pé de cabra dentro do inferno, e já notava um certo cheiro que lhe era estranho.

— Cheira-me a carne humana — dizia ele fungando. — Alguma coisa há aqui que não é costume!

E pôs-se a esquadrihar por todos os cantos, mas nada encontrou. A mãe, então, ralhando-lhe, disse:

— Ainda agora arrumei a casa e andas tu a pôr tudo em polvorosa; não tens outro cheiro que não seja o de carne humana! Anda daí, senta-te e come, que o teu mal é fome!

Depois de ter comido e bebido bem, sentiu-se cansado, colocou a cabeça no regaço da mãe, a quem pediu para o embalar. Não tardou a adormecer, roncando que nem um porco e assobiando como uma locomotiva. A velha aproveitou esse ensejo para lhe arrancar um cabelo de ouro.

— Ai! — fez o diabo— , que faz mãe?

— Ora, deixa-me cá: tive um sonho terrível, e por isso é que te arrepelei.

— Com que sonhou então?

— Sonhei que uma fonte que antigamente dava vinho, agora nem água deita. Porque será?

— Se soubesse! — respondeu o demo. — Debaixo duma pedra vive um sapo; assim que o matem, a fonte continuará a deitar vinho.

A velha tornou a embalá-lo e daí a pouco Satã ressonava e assobiava em alto ruído, e com tal força que até as vidraças estremeciam. A velha, vendo-o assim, arrancou-lhe o segundo cabelo.

— Ui! — gritou sobressaltado o rei dos infernos. — Que pesadelo foi esse mãe?

— Não te apoquentes, filho, foi um outro sonho que tive.

— E de que constava ele? — interrogou Belzebu.

— De uma árvore que antes produzia maçãs de ouro e que atualmente está despida de folhas. Qual a razão de tal caso?

— Ora, é bem simples! — tornou o demónio. É um rato que rói a raiz. Matem-no que a árvore continuará a dar maçãs de ouro; de contrário, o rato continuará na sua obra de destruição e a árvore definhará. Mas deixe-me sossegado com sonhos; se me torna a acordar, não tenho outro remédio senão faltar-lhe ao respeito.

A velhota ameigou-o com boas palavras, e continuou acalentando-o, até que o viu de novo ferrado no sono; então, arrancou-lhe o terceiro cabelo. O diabo deu um pulo, soltou um grito e ia-se zangando deveras com a mãe, mas esta cortou-lhe os ímpetos, dizendo:

— Oh, filho, quem é que é superior aos sonhos!

— Que sonho foi esse para assim me despertar! Decerto é muito curioso!

— Sonhei que um barqueiro se lastima bastante em andar de uma banda para outra sem que seja substituído.

— Porque é um asno chapado! — exclamou Satanás. — Ao primeiro passageiro que lhe peça para atravessar a margem, não tem mais do que entregar-lhe os remos e pirar-se!...

Agora a velha, que já tinha arrancado os três cabelos de ouro e que tinha na mão a chave dos três enigmas propostos, deixou em paz o diabo, que dormiu a sono solto até madrugada.

Logo que o demónio saiu de casa, a velha pegou na formiga, deu de novo figura de gente ao rapaz nascido sob uma boa estrela, e disse-lhe:

— Aqui tens os três cabelos de ouro; quanto às respostas dadas pelo diabo às perguntas que formulaste, creio que as ouviste.

— Certamente que as ouvi e não me esquecem.

— E assim alcançaste o que querias — continuou a boa velha. — Agora podes tornar para donde vieste.

O mocinho agradeceu muito o auxílio que a velha lhe havia prestado e saiu do inferno bem contente por haver conseguido os seus fins. Assim que chegou perto do barqueiro, este lembrou-lhe logo o cumprimento da promessa que lhe fizera.

Mas o rapazito, que era bastante sagaz, respondeu:

— Conduze-me à outra margem, que então te direi o que há de fazer para te veres livre daqui.

Logo que pôs o pé na outra margem, o rapaz cumpriu a palavra:

— Logo que se apresente um novo passageiro para que o ponhas na outra margem, entrega-lhe os remos e safate.

Seguiu a sua rota, e depressa chegou às portas da cidade, onde existia a árvore estéril; a sentinela aguardava o rapaz para que não se esquecesse do prometimento.

— Matem o rato que rói a raiz da árvore, se querem ver a árvore carregadinha de maçãs de ouro — aconselhou o moço.

A sentinela, grata com a resposta, compensou-o com dois burros carregados de ouro. Para encurtarmos razões, o rapaz nascido sob uma boa estrela depressa alcançou as portas da cidade, onde havia a fonte que estava sequinha. Aqui, repetiu também à sentinela as palavras do diabo:

— Debaixo de uma pedra está um sapo; assim que o matarem, continuará a fonte a dar vinho abundantemente.

A sentinela agradeceu muito e, em paga, deu-lhe também dois burros carregados dourado.

O rapaz nascido sob uma boa estrela estava, dali a pouco, em presença da noiva, a quem abraçou, e que ficou contente em tornar a vê-lo. Foi levar ao rei os três cabelos de ouro do diabo; e o soberano, ao ver os quatro burros carregados de ouro, demonstrou claramente a sua alegria, dizendo:

— Agora que satisfizeste todas as condições, tens minha filha por tua mulher. Mas diz-me, meu caro genro, como é que arranjaste todo esse ouro?

— Atravessei um rio, cuja margem é de ouro, em vez de areia. Foi aí que o apanhei.

— É muito difícil fazer igual colheita? — perguntou o monarca, cujos olhos cintilavam de cobiça.

— É fácilimo tomar tanto quanto se deseje — continuou o rapaz nascido sob uma boa estrela. — Há um barqueiro próximo; peça-lhe que o conduza à outra margem, e desta maneira pode trazer os sacos que quiser cheios de ouro.

O monarca, mordido pela ambição, depressa se pôs em marcha. Chegado à margem do rio pediu ao barqueiro para o

levar à outra margem. O barqueiro apressadamente disse ao rei para entrar no barco, e assim que chegaram ao outro lado do rio, o barqueiro entregou-lhe os remos e saltou lesto para terra.

— E ainda lá está o rei feito barqueiro? — perguntarão os meus amáveis e gentis leitorzinhos.

— Está e estará até que expie por completo todas as suas culpas.

O SAPATEIRO E OS GNOMOS



Era uma vez um sapateiro que, por vicissitudes da vida, empobreceu tanto que só conseguira comprar material suficiente para um par de sapatos. De noite talhou a pele para no dia seguinte os concluir; como era bom, deitou-se tranquilamente, orou e adormeceu.

No dia imediato, ao erguer-se, ia pegar na tarefa, mas achou em cima da mesa o par já feito. Ficou altamente surpreendido, mas não compreendia o que o facto queria dizer. Pegou nos sapatos e viu-os, examinou-os de todas as formas e feitios, mas defeito algum lhes encontrou, tão bem acabados estavam; eram o que se chama uma obra-prima, um encanto.

Entrou-lhe em casa um freguês, a quem agradaram tanto os sapatos que os comprou mais caros do que costumava, e com este dinheiro o sapateiro arranhou material para outros dois pares. Nessa mesma noite os talhou para no dia seguinte os concluir, quando, ao despertar, os viu já prontos; desta vez, ainda, não faltaram compradores e, com o produto da venda, pôde conseguir material para quatro pares.

No dia seguinte os quatro pares estavam prontos; finalmente, tudo o que talhava de véspera lhe aparecia feito de manhã, ao acordar; de modo que, sem grande trabalho, se achou remediado.

Uma noite, porém, pelas proximidades do Natal, quando acabara de talhar os sapatos e se ia deitar, disse para a mulher:

— E se nós velássemos esta noite para ver quem é que nos ajuda?

A mulher aprovou a ideia, e, deixando a candeia acesa, esconderam-se num armário onde havia roupa e na qual se ocultaram à espera dos acontecimentos. Ao dar a meia-noite, dois bonitos gnomos entraram no quarto, sentaram-se na tripeça do sapateiro e, pegando na pele talhada, com as pequeninas mãos ajustaram, coseram e bateram sola, com tanta agilidade e presteza que era um gosto vê-los.

Trabalharam sem descanso até que deram fim à tarefa, e desapareceram num ai!

Na manhã imediata alvitrou a mulher:

— Estes gnomozinhos enriqueceram-nos, e nós devemos mostrar-lhes a nossa gratidão; eles devem sentir frio, sem nada que os tape. Sabes do que me lembrei? Fazer-lhes três camisinhas, calças, colete e casaco para eles vestirem e umas meiazinhas para calçarem; e para completar o brinde, tu fazias-lhes uns sapatinhos.

O marido concordou com a mulher, e deram logo princípio à obra, e, decorridas bem poucas horas sobre tão simpática resolução, à tarde, estava tudo pronto; colocaram, pois, marido e mulher, as suas prendas em cima da mesa, justamente no sítio em que era costume porem nos outros dias a obra talhada, e esconderam-se para verificarem o que os gnomos faziam. Meia-noite a dar e eles a aparecerem para dar começo à tarefa; mas em vez dos sapatos cortados para eles fazerem, como tinha sucedido nos dias antecedentes, encontraram essas vestimentas, o que lhes causou admiração, que daí a pouco cedeu o lugar a uma grande alegria. Vestiram os fatos com

presteza, viram que lhes ajustavam como uma luva e começaram a dançar, a saltar por cima das cadeiras e dos bancos, e a cantar saíram.

Desde então, nunca mais os viram. O sapateiro, porém, continuou a ser feliz enquanto viveu, tendo tudo quanto ambicionava.



Era uma vez um rei que tinha três filhos; os dois mais velhos eram alegres e palradores, e o mais moço de poucas falas e muito acanhado, razão por que o tinham na conta de simples.

Quando o monarca chegou a velho, quis fazer testamento; mas viu-se bastante embaraçado por não saber a qual dos três filhos legar a coroa. Certo dia, porém, chamou-os e disse-lhes:

— Ponham-se a caminho, e aquele que trouxer o tapete mais finamente tecido é que ficará sendo rei por minha morte.

Dizendo isto, para evitar qualquer má vontade dos irmãos, andou alguns passos para fora do palácio e, fazendo voar três penas, indicou-lhes:

— Cada um de vocês deve encaminhar-se na direção que estas penas levarem.

A primeira pena voou para o oriente, a segunda para o ocidente e a última volitou uns segundos e foi cair a alguns passos de distância.

Por, isso, o mais velho tomou o caminho da direita, o do meio voltou à esquerda e o mais novinho — troçado pelos mais velhos — encaminhou-se para o sítio onde caíra a terceira pena.

O pobre moço, apoquentado e triste, deitou-se no relvado. De repente notou uma porta subterrânea no lugar em que a

pena caíra. Abriu-a e reparou numa escada, que se aventurou a descer. Uma vez em baixo, deu de rosto com outra porta, em que bateu. Então ouviu uma voz que — em frase cabalística — a mandou abrir.

Quando a porta girou nos gonzos viu-se um enorme sapo, tendo à volta uma porção de sapinhos. O sapão perguntou ao rapazito o que é que desejava, ao que o interpelado retorquiu:

— Não seria fácil arranjar-se um tapete bonito e finamente tecido?

Palavras não eram ditas e já o sapão gritava a um dos sapinhos, que, num pulo, lhe trouxesse um cofre.

O sapinho assim fez; o sapão abriu-o e tirou de dentro um tapete tão ricamente tecido como nunca no mundo se havia visto igual, com o que presenteou o rapazinho, que agradeceu muito e se pôs em marcha.

Ora, os dois irmãos refletiram de si para si que o irmão era tão palerma, que se escusavam de se cansar muito para toparem com um tapete decerto superior ao que ele conseguisse.

Assim deitaram a mão ao primeiro pano de lã grosseira que uma guardadora de porcos trazia, e vieram entregá-lo ao rei. Pouco depois, apareceu o irmão mais novo com o magnífico tapete.

O régio personagem, no auge da surpresa, exclamou:

— O reino pertence ao mais moço!

Os irmãos é que não estiveram pelo ajuste e observaram ao velho pai que tal resolução era impraticável, pois o irmão não passava de um pateta; tais rodeios arranjam, tais razões, que o monarca, já fatigado de tanta verbosidade, não teve remédio senão tentar segunda experiência.

— Será rei por minha morte aquele que me trouxer o mais valioso anel.

Conduziu novamente os três filhos a alguns passos distantes do palácio e fez voar três penas, cuja direção deviam tomar. Como da primeira vez, os dois mais velhos partiram para o oriente e ocidente; quanto à pena do mais moço volitou também por segundos e foi cair dali a poucos passos.

Ao contrário da vez passada, o rapaz não entristeceu, mas apressou-se a descer a escada pela porta subterrânea, em direção à casa do sapão que, de chofre, lhe perguntou o que queria, respondendo em seguida:

— Não será fácil arranjar-se um bonito e valioso anel?

O disforme batráquio mandou buscar o cofre e tirou-lhe de dentro um anel riquíssimo e tão artisticamente cinzelado, que ourives algum do mundo seria capaz de apresentar outro do mesmo gosto.

Ora os dois irmãos, rindo-se ao pensar que o simples moço havia de conseguir um anel precioso, não se deram a grandes trabalhos, certos de que se sairiam melhor do encargo do que aquele, e assim arrancaram a primeira argola que viram presa numa parede e que servia para segurar os animais, e foram ter ao palácio dá-la ao rei. O velho monarca nem sequer teve de comparar, exclamou:

— É ao terceiro que faço rei!

Contudo, os dois mais velhos de novo convenceram tão bem o velho rei da nulidade do irmão que o monarca consentiu em fazer terceira tentativa, a última. Decidiu-se que herdava o trono o que trouxesse a mulher mais formosa. Como das vezes passadas, as três penas foram deitadas ao ar e tomaram as mesmas direções.

O moço-simples desceu pela terceira vez a casa do sapão.

— Não seria desejar muito, pedir uma formosa mulher?

— Cáspite! — exclamou o grande batráquio. — Uma formosa mulher?! E porque não hás de tê-la?!

Ditas que foram estas palavras, o sapão deu-lhe uma beterraba oca puxada a seis ratos brancos.

Ao ver tão curiosa carruagem, o pobre rapaz perguntou com certa tristeza:

— Que faço a isto?

— Agarra um de meus filhos — respondeu o sapo — e mete-o dentro desse carro.

A esta indicação, pegou ao acaso num dos sapinhos e meteu-o na beterraba; mal aí foi colocado, o bicharoco ficou transformado numa menina de formosura maravilhosa, a beterraba numa luxuosa equipagem e os seis ratos em três parelhas de cavalos brancos de neve. Em seguida, o mocinho subiu para a boleia, abraçou a moça e depressa seguiu para o palácio. Os dois irmãos mais velhos chegaram daí a pouco, mas faziam tão mau juízo da escolha que o mais moço faria, que ficaram satisfeitos com a primeira campónia que lhes apareceu e que levaram a palácio. Desta vez ainda — o que não é para assombros — o monarca disse:

— É ao mais moço de meus filhos que pertencem as rédeas do governo após minha morte!

O que é certo é que pela terceira vez ainda os dois irmãos tentaram murmurar contra a resolução do pai e pediram para que — em última experiência — fosse proclamado rei aquele cuja mulher saltasse pelo meio de uma argola suspensa a meio da sala. E propondo isto acrescentaram:

— As camponesas facilmente saltarão, são bastante fortes para estes exercícios; quanto a essa arvéloa, fraca e delicada, cai e parte a cabeça.

Muito instado, o rei cedeu a esse capricho que começou.

As duas camponesas foram as primeiras a saltar, mas, pesadas e gordas como eram, caíram, partindo braços e pernas. Ao contrário, a moça trazida pelo mais novo formou salto tão

elegante, que atravessou graciosa e rapidamente a argola e caiu em pé.

Ante esta última experiência ficou decididamente reconhecido como herdeiro ao trono.

Efetivamente, assim que o velho monarca fechou os olhos, foi aclamado rei e ainda agora se fala da sabedoria com que nesse país governou.



Em épocas muito longínquas, o povo de uma grande capital — cujo nome nos não ocorre — erigiu um lindo templo dedicado à padroeira dos músicos — Santa Cecília, segundo a tradição.

Eram das cores mais vivas e vistosas as flores escolhidas para cobrir o altar, a roupagem da santa toda em prata filigranada e os sapatos executados em ouro, pelo mais hábil ourives-cinzelador que vivia nessa cidade. A igreja estava sempre repleta de devotos e peregrinos. Em romagem, entrou lá certo dia um infeliz violinista, macilento, esquálido e franzino. Como a caminhada fora longa, o pobre estava fatigado e no seu alforje já não havia uma migalha de pão nem na sua algibeira um ceitil para o comprar.

Apenas entrou no templo, principiou a dar uns acordes de violino tão suaves, tão expressivos, tão melódiosos, que a santa enteneceu-se tanto com a sua pobreza e com aquela música maviosa, que — ao ele findar — se baixou, descalçou um dos sapatos de ouro e deu-o ao infeliz menestrel, que, doidamente alegre, bailando, cantando e chorando, ao mesmo tempo, se encaminhou para uma ourivesaria com o fim de o trocar por dinheiro.

O joalheiro, porém, conhecendo o sapato como sendo o da santa, prendeu o violinista, levando-o ao juiz. Formaram processo, foi julgado e condenado à pena última.

Aproximara-se o dia da execução; os sinos tocavam plangentemente, e o triste cortejo pôs-se em marcha, acompanhado por cânticos dos frades, mas, apesar disso, não deixavam de ouvir-se os lindos acordes que o infeliz condenado tirava do seu maravilhoso violino; era uma última concessão que lhe havia sido dada, até soar o derradeiro instante. O cortejo parou mesmo defronte do templo da santa e, assim que ali chegou, o pobre músico suplicou que o conduzissem ao altar da santa, a fim de tocar o seu último acorde melodioso.

Os frades e os chefes dos soldados que o escoltavam concederam-lhe essa graça, e o violinista entrou, ajoelhou-se aos pés da padroeira dos músicos e, com os olhos marejados de lágrimas, principiou a tirar deliciosos acordes do seu violino.

O povo, então, atônito e admirado, notou que Santa Cecília se baixava, descalçava o outro sapato e o metia nas mãos do pobre músico. A este maravilhoso espetáculo, todos os circunstantes levaram em triunfo o violinista, puseram-lhe na cabeça uma coroa feita de flores, e os magistrados dirigiram-lhe as mais solenes e as mais honrosas homenagens.